

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GULLAR, Ferreira. Ferreira Gullar (depoimento, 1996). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI) e CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ferreira Gullar
(depoimento, 1996)**

Rio de Janeiro

2016

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Não há informação;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Local: Não há informação - - - -;

Data: 15/08/1996 a 15/08/1996

Duração: 1h 25min

Arquivo digital - áudio: 2; Fita cassete: 1;

Esta entrevista é parte integrante de uma série de depoimentos realizados pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) entre 1977/1979 e doadas ao CPDOC em 15/08/1996. A escolha do entrevistado se justifica por sua trajetória como jornalista, tendo sido: tendo sido: Locutor da rádio Timbira (1950); revisor da revista Manchete (1954); redator no jornal Diário Carioca (1955); diretor da Fundação Cultural de Brasília (1961); redator na sucursal carioca do jornal O Estado de São Paulo (1962).

Temas: Carlos Castelo Branco; Condessa Pereira Carneiro; Diário Carioca; Ferreira Gullar; Governo Juscelino Kubitschek (1956-1961); Herberto Sales; Imprensa; Institutos de aposentadoria e previdência; Jornal do Brasil; Jornal O Estado de São Paulo; Literatura; Odilo Costa Filho; Otto Lara Rezende; Periódicos;

Sumário

Fita 1-A: comentários acerca do início de sua trajetória profissional no Maranhão; lembranças de sua ida para o Rio de Janeiro (1951) e seus primeiros trabalhos na cidade: locutor de rádio na rádio Continental, revisor de texto da revista O Cruzeiro (1953) e chefe de revisão da revista Manchete (1955/56), tornando-se redator posteriormente; enumeração de nomes de alguns funcionários da Manchete no período em que o entrevistado trabalhou na revista: Otto Lara Resende, Jânio de Freitas, Amílcar de Castro e Armando Nogueira; observações acerca da importância do Diário Carioca na renovação da imprensa do Rio de Janeiro; recordações de seu primeiro trabalho no Rio de Janeiro na revista do Instituto de Aposentadoria dos Comerciantes (IAPC) e o convite feito por Herberto Sales convidando-o a trabalhar na revista O Cruzeiro; relatos das reformas gráficas introduzidas na revista Manchete e ligação do entrevistado com o movimento concreto; comentários sobre a criação do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil (1956): seu prestígio incentivou a renovação de todo o jornal; observações acerca de sua saída da revista Manchete e ida, junto com Jânio de Freitas, para o Diário Carioca e relato de algumas características do jornal; enumeração de alguns nomes que trabalharam na redação do Diário Carioca: Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Nilson Lage, Evandro Carlos de Andrade e Carlos Castello Branco; lembranças de sua ida para o Jornal do Brasil a convite de Odilo Costa Filho; relatos de seu trabalho como diretor do copidesque e ida de Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Nilson Lage e Amílcar de Castro para o Jornal do Brasil; comentários acerca do início da reforma do Jornal do Brasil e importância do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil nesta reforma.

Fita 1-B: observações sobre a reforma do Jornal do Brasil; lembranças acerca da primeira foto que foi publicada na capa do Jornal do Brasil; comentários sobre o trabalho de Amílcar de Castro, José Ramos Tinhorão e Jânio de Freitas no Jornal do Brasil; lembranças de alguns nomes que trabalharam no copidesque do Jornal do Brasil com o entrevistado; breves comentários acerca de sua demissão do Jornal do Brasil (1958) e volta a convite da Condessa Maurina Dushee de Abranches Pereira Carneiro; considerações a respeito da reforma do Jornal do Brasil do ponto de vista da construção do texto e da diagramação; comentários sobre a liberdade dada pelo Jornal do Brasil aos seus repórteres na redação das notícias; observações sobre a tentativa de Odilo Costa Filho criar uma linha, no Jornal do Brasil, de oposição ao governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961); comentários sobre a atuação da Condessa Maurina Dushee de Abranches Pereira Carneiro no Jornal do Brasil; considerações acerca do valor dos salários pagos pelo Jornal do Brasil; observações a respeito das dificuldades enfrentadas pelo jornal Diário de Notícias ao tentar realizar sua reforma; breves comentários sobre a criação do Caderno B do Jornal do Brasil; relatos de sua demissão do Jornal do Brasil (1958) e ida para o Diário de Notícias; lembranças de sua segunda demissão do Jornal do Brasil (1962) e ida para a sucursal carioca do jornal O Estado de São Paulo; comentários sobre a qualidade jornalística da imprensa brasileira.

F.G. – Mas então, o negócio é o seguinte, eu comecei a minha chamada carreira jornalística no Maranhão, mas um pouco, assim... sem muita continuidade. Eu me lembro que eu entrei compulsivamente, levado pelos acontecimentos.

Entrevistador – Isso foi quando¹?

F.G. – Isso deve ter sido em 1950, quando houve uma agitação muito grande lá no Maranhão e uns tiroteios lá e tal. E eu era locutor de rádio – porque a minha primeira profissão foi locutor de rádio –, locutor da Rádio Timbira, do Maranhão. Eu era um locutor interessante.

Entrevistador – Isso em 1950?

F.G. – Isso... Eu comecei a trabalhar como locutor de rádio, eu tinha 18 para 19 anos.

Entrevistador – Foi tua primeira profissão?

F.G. – Foi. Eu era locutor da Rádio Timbira. Então, depois de locutor, eu... Uma vez, eu me neguei a ler uma nota lá do governador e aí me puseram para fora. Então... Era luta política, então, o jornal da oposição aproveitou essa minha tirada lá e me convidou para escrever em um jornalzinho que tinha lá. Se não me engano, era o *Jornal Pequeno* já. Era um jornal pequeno de tamanho. Não sei se o nome era mesmo esse, que mais tarde se chamou *Jornal Pequeno*. É possível. Então, eu comecei a escrever uma série de artigos, bastante “porra-louca”, porque eu não entendia de nada, não é? Eu, de política, não entendia. Eu era poeta.

Entrevistador – Você tinha quantos anos?

F.G. – Nessa época, eu devia ter 20 anos. Mas eu estava por fora de política. Eu vivia lá cuidando dos meus poemas e tal. E me meti no rolo, não é? E aí, os caras me chamaram, eu topei e fiquei escrevendo. Escrevi uma série de artigos em cima do governo, contra o governo. Agora, eu me lembro que eu não entendia direito do que estava acontecendo. Mais tarde, o

¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Neiva Moreira, que dirigia o *Jornal do Povo*, que era também um jornal da oposição... Esse jornal era um jornal ligado ao PSP², quer dizer ao partido do Adhemar de Barros. A oposição lá se chamava Oposições Coligadas. Era todo mundo unido contra o governo. Então, o Neiva Moreira me chamou para escrever, fazer umas reportagens para esse jornal, também. Eu não trabalhei muito tempo lá, não. Criei muita confusão também lá. Era uma época de muito tumulto. Depois eu voltei para a rádio, que era realmente a minha profissão, e pouco depois eu vim para o Rio, pouco depois.

Entrevistador – Mas qual era a sua situação no jornal? Você tinha salário?

F.G. – Eu não me lembro direito. Era uma coisa meio improvisada. Ele me pedia para fazer uma reportagem, eu fazia. Não sei nem se ele me pagava, porque era um pouco na base do mutirão contra o governo, contra o Vitorino Freire³. A ilha de São Luís toda era contra. Era o baluarte da oposição. E o Vitorino se sustentava nos votos do interior do estado. E eu participava também desse espírito de oposição lá. Mas digo sem muita noção clara do que estava acontecendo. Era um pouco o entusiasmo dos 20 anos. Então, quando foi no fim de 1951, eu vim para o Rio, e inclusive tentei continuar a minha carreira de locutor de rádio: fui fazer um teste na TV Tupi, depois fiz um teste na... Na TV não, na Rádio Tupi e depois, na Radio Continental, onde eu trabalhei...

Entrevistador – Em que ano é isso?

F.G. – Isso foi em 1951, começo de 1952. E trabalhei um pouco como locutor na Rádio Continental, como locutor de noticiário, esse noticiário de hora em hora e esse troço assim, mas isso também não demorou muito. Só mais tarde eu fui trabalhar na revista *O Cruzeiro* – isso em 1953 –, como revisor de texto. Não era revisor de provas; revisor de texto, quer dizer, antes de o texto ir para a oficina, o texto devia ser lido, corrigido e tal. Uma coisa que seria antes do copidesque, que nesse tempo não havia, ou pelo menos não era comum. Talvez houvesse só no *Diário Carioca*, possivelmente. Então, trabalhei uma época na revista *O Cruzeiro*. E depois eu fui para a *Manchete*. Fui para a *Manchete* convidado pelo Otto Lara Resende, que era o diretor da *Manchete*. Mas no momento que eu fui convidado, estavam reformulando a *Manchete* e não havia lugar de redator no quadro da *Manchete*, então, eu fiquei algum tempo como chefe da

² Partido Social Progressista.

³ Foi senador pelo estado do Maranhão de 1955 a 1971.

revisão da *Manchete*. Quando em seguida abriu a vaga de redator, aí eu comecei a trabalhar como redator da *Manchete*.

Entrevistador – Em que ano foi isso?

F.G. – Isso deve ser 1955 para 1956. Eu não tenho as datas precisas, não. Mas então, aí nessa época, eu me lembro que o Adolpho⁴ se opôs a que eu trabalhasse como redator.

Entrevistador – Por quê?

F.G. – Porque o Adolpho é o Adolpho, não é? Então, o Adolpho cismava, assim: “Ele é revisor, Otto, ele não é redator”. [riso] E o Otto dizia para ele: “Mas rapaz, esse camarada aqui é poeta! A posteridade vai te assassinar. Vai te cobrar isso.” O Otto gozava muito ele. Mas ele cismava. Aí, nessa época, o Rubem Braga tinha lá aquela seção “Gente da cidade”, e o Rubem já estava de saco cheio de fazer aquelas coisas e às vezes não mandava. Então, quando ele não mandava, o Otto fazia, e quando o Otto estava de saco cheio, eu fazia, e saía com o nome do Rubem. Então, o Otto uma vez aproveitou que o Adolpho estava dizendo “O ‘Gente da cidade’ desta semana está uma beleza!”... Aí, o Otto deixou ele elogiar bem e, quando ele acabou, ele falou: “Sabe quem foi que escreveu isso? Foi o Gullar”. [riso]

Então, nessa época, é interessante aí... Já que o principal objetivo é falar da reforma do *Jornal do Brasil*, essa época da *Manchete* tem uma certa importância nessa história, pelo seguinte, porque nesse momento trabalhava na *Manchete*: o Otto, é claro, que era o diretor, mas o que importa para o caso do *Jornal do Brasil* é o Jânio de Freitas e o Amílcar⁵. O Amílcar, ao que eu saiba, nunca tinha trabalhado em jornal nem em revista. O Amílcar era um escultor de tendência concreta, e amigo do Otto, mineiro, e que estava aí matando cachorro a grito no Rio de Janeiro. Então, o Otto chamou o Amílcar. Ele sabia que o Amílcar era um cara inteligente e sensível, um cara capaz de fazer qualquer coisa que você desse o rumo para ele, e chamou o Amílcar para lá. E estava lá o Jânio de Freitas...

Entrevistador – Ele fazia o que lá?

⁴ O entrevistado refere-se a Adolpho Bloch, o criador da revista *Manchete*, em [1952](#). Em [1983](#) fundou a extinta Rede Manchete.

⁵ O entrevistado se refere a Amílcar de Castro.

F.G. – Era redator. Era repórter. Então, é interessante porque... O outro redator que tinha lá era o Armando Nogueira. Tudo gente vindo do *Diário Carioca*. Porque o *Diário Carioca* é que de fato foi o jornal onde nasceu a renovação dessa fase da imprensa no Rio de Janeiro. No *Diário Carioca*, o pessoal aprendeu a fazer *lead*, *sublead*, um certo espírito de gozação na notícia, quer dizer, um espírito novo de encarar o fato jornalístico. Eu não tinha, como vocês viram pelo que eu falei antes, eu não tinha escola nenhuma. Quer dizer, eu vim, aos trancos e barrancos, entrando nessa profissão. Então, na *Manchete*, eu fui me enquadrando mais dentro desse espírito novo de redação...

Entrevistador – Quer dizer que foi a primeira experiência de redator?

F.G. – Sim. Profissional mesmo, com continuidade, foi.

Entrevistador – Com salário...

F.G. – Tudo.

Entrevistador – Na *O Cruzeiro*, você também...?

F.G. – Não. Na *O Cruzeiro* era, mas não como redator, porque eu era revisor de texto.

Entrevistador – Quanto é que você ganhava na época, você lembra?

F.G. – Eu não me lembro. Não me lembro.

Entrevistador – Mas como você viveu naquela época?

F.G. – Na época de *O Cruzeiro*... Quando eu cheguei no Rio, o primeiro emprego que eu tive foi um emprego na revista do IAPC⁶, do antigo IAPC, e nessa época mesmo, me ofereceram para eu ir trabalhar na *Última Hora*. Porque no IAPC eu ganhava 150 cruzeiros... Era 150 cruzeiros? Eu sei que era uma mixaria total. Quer dizer, era um troço que eu tinha que comer no restaurante de estudantes. Eu consegui um documento falso para entrar no restaurante de

⁶ Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciários.

estudantes e eu comia no restaurante de estudantes, aqui no Calabouço. Até que um dia, descobriram que o meu documento era falso e me expulsaram, e criaram um problema para mim, um problema alimentar. Aí eu comecei a comer na Associação Cristã de Moços, que era aqui defronte do Ministério de Educação, aqui nessa mesma rua, a Araújo Porto Alegre, em um prédio que já não existe.

Então, um dia, um grupo de rapazes fez um jornalzinho chamado *Japa*, do qual saiu apenas um número, e nesse jornal eu publiquei um conto. Eles me pediram. E eu, que não sou contista, tinha escrito... Nessa época, eu perpetrava aí alguns contos e tinha escrito um conto que foi publicado nessa revista. E o Herberto Salles, que dirigia esse setor de revisão de texto de *O Cruzeiro*, leu esse conto – ele sempre foi muito interessado em contos, especialmente, e em *A Cigarra*, ele instituiu um concurso de contos –, leu e ficou muito interessado e quis me conhecer.

Então, eu vivia num quarto, numa vaga em um quarto, na Praça da Cruz Vermelha. Eu não estava ligando para ganhar dinheiro, não. Eu vivia... E já tinha me transferido, com o Carlinhos Oliveira⁷ e o Oliveira Bastos⁸, para um outro quarto, na rua Buarque de Macedo, aqui no Catete. Então, nessa época, o Herberto me chamou lá e disse: “Li seu conto. Você não quer trabalhar aqui?”, e aí me ofereceu esse tal emprego, que eu me lembro que foi um salto brutal no meu salário. E eu topei. Topei e, imediatamente, tratei de abandonar o 96, o quarto da rua Buarque de Macedo.

Entrevistador – Isso foi antes de *O Cruzeiro*?

F.G. – Ao entrar para *O Cruzeiro*, eu abandonei... Eu saí, porque eu comecei a ganhar um salário que dava para... A minha aspiração...

Entrevistador – Da revista do IAPC, você foi para *O Cruzeiro*?

F.G. – É. Mas eu não saí da revista do IAPC.

Entrevistador – E a Rádio Continental?

⁷ José Carlos Oliveira.

⁸ Evandro Oliveira Bastos.

F.G. – Isso foi antes. Foi teste. Eu trabalhei um mês. Isso foi antes.

Entrevistador – Como locutor, então, você não exerceu?

F.G. – Não, não. Não deu. Como disse, eu fiquei um mês lá e saí. Eu já não gostava mais de ser locutor. Lá no Maranhão, eu já tinha criado uns casos, fazia umas caricaturas com umas coisas que eu lia e já estava para ser expulso da rádio. Enchia o meu saco, aquele negócio. Então, nessa época... Eu comecei a trabalhar em *O Cruzeiro* assim, por convite do Herberto Salles, e fiquei durante algum tempo. Aí, me casei e tal. E depois de *O Cruzeiro* eu fui para a *Manchete*, como eu já contei. Então, na *Manchete*, estava esse pessoal.

Entrevistadora – Agora, o Amílcar, na *Manchete*, ele já diagramava?

F.G. – Isso é que eu estava dizendo. O Otto convidou o Amílcar para trabalhar na diagramação. E, nessa época, o nosso modelo era a revista *Paris Match*, que tinha um tipo de diagramação bastante moderno, quer dizer, com certos elementos brancos. As páginas não eram cheias de elementos, de adornos, de vinhetas e de fotografias cortadas e de montagens. Não tinha nada disso. Era uma coisa muito simples e de muito bom gosto. Então, nós pensamos lá, o grupo mais interessado nisso... E, nessa época, eu já era também crítico de arte e ligado ao movimento concreto, da pintura concreta, e uma das características da pintura concreta é exatamente a preocupação com a coisa visual, com o funcionamento dos elementos visuais, da chamada energia do campo visual e uma série de fatores. Então, a preocupação pela coisa gráfica e pela limpeza da página, pela composição limpa, simples, apoiada sobretudo nas massas de cor, ou de preto, em contraste com o branco, enfim, em elementos visuais precisos. Isso, de certo modo, influenciou no nosso gosto e determinou um pouco o nosso interesse pela paginação da *Paris Match*. E nós começamos a querer introduzir na *Manchete* esse gosto também, quer dizer, esse tipo de paginação.

Entrevistador – A *Manchete* passava por uma reforma?

F.G. – É. O Otto tinha feito uma reforma na redação, quer dizer, tinha ampliado o quadro e procurava dar à revista um espírito mais novo, mais dinâmico.

Entrevistador – [Inaudível] da imprensa em relação à diagramação?

F.G. – Nessa altura, realmente, eu acho que... Não vejo... Eu não me lembro com muita precisão, mas era aquela diagramação tradicional. A coisa que tinha havido antes foi aquela experiência da *Última Hora*, do Samuel Wainer, que era exatamente o tipo de diagramação com montagens, com cortes, quer dizer, o contrário do que nós pretendíamos. Era uma paginação mais sensacionalista, vamos dizer, a da *Última Hora*, e o que nós queríamos era uma coisa muito mais pura, muito mais simples.

Entrevistador – De certa forma, essa experiência se antecipava à do *Jornal do Brasil*?

F.G. – De algum modo, sim. Então, eu vou contar para vocês algumas coisas que aconteceram lá. Por exemplo, quando... Claro, nós começamos a limpar a página da *Manchete*. Eu digo nós porque... Eu não era diagramador, nem o Jânio, mas cada um ficava encarregado, por exemplo, de editar uma matéria determinada. Então, na hora de editar a matéria, nós selecionávamos as fotos, estabelecíamos os cortes e íamos para a mesa do diagramador, e não só dávamos a ele a hierarquia das fotos, quer dizer, “essa foto é mais importante e essa é menos”, como também procurávamos mais ou menos influir no... “Deixa um espaço em branco aí”. E o Amílcar, quando o Amílcar chegou, é claro que o Amílcar foi diretamente ganho para essa posição e começou ele próprio a fazer as coisas, a dar a sua contribuição de cara que tinha sensibilidade plástica, a experiência do artista.

Entrevistador – A *Manchete* sempre foi um feudo dos Blochs, sempre caracterizou isso. O Adolpho sempre teve [inaudível] direto sobre a revista, sobre a produção da revista. De que forma que ele encarava isso, vocês assumindo um papel renovador dentro da revista?

F.G. – Isso criou na *Manchete* o que nós chamamos lá... Porque nós encarávamos tudo em termos de gozação, não é? Então, nós começamos a intitular a batalha que surgiu lá por causa disso de “a guerra contra o branco”. “Preconceito de cor”, nós escrevíamos nos [quadros]⁹. Porque como nós deixávamos muita margem branca, muito espaço em branco nas páginas, é evidente que o Adolpho começou a reclamar de que nós estávamos esbanjando espaço. E nós fizemos alguns abusos, mesmo.

⁹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Eu me lembro que, uma vez, eu fiz uma matéria lá e eu próprio paginei, que era um negócio de um busto de Manuel Bandeira. Se eu não me engano, foi na época em que esse busto foi proibido no Recife. E lá na *Manchete*, o Otto decidiu fazer uma matéria, um pouco de desagravo, uma coisa assim, com relação ao que estava acontecendo no Recife. Eu não tenho certeza se foi isso, mas eu sei que a matéria era o busto que o Honório Peçanha fez do Manuel Bandeira, e nós mandamos fazer uma foto do Manuel Bandeira de perfil, tal como nós tínhamos a fotografia do busto. Então, eu paginei a matéria, assim: eram duas páginas abertas e, em uma das páginas, na página da esquerda, quase em tamanho três por quatro, a cara de Manuel Bandeira de perfil, e na página da direita, em proporção dez vezes, ou vinte vezes maior, o busto, na mesma posição. Então, essa página aqui ficava praticamente em branco, porque essa fotografia estava aqui em baixo, e mais abaixo da fotografia tinha um título que pegava de uma ponta a outra das duas páginas e, no centro, dois bloquinhos de texto. E o resto, tudo em branco. Isso deu um galho lá dentro.

Mas isso é apenas uma das coisas. Outras coisas iam sendo feitas pelo Jânio, com as reportagens que o Jânio fazia e, em geral, pela paginação do Amílcar. E também contava com o apoio do Armando Nogueira. E o Otto, que apoiava e achava muito engraçado e incentivava, enquanto o Adolpho ficava zangado. Então, eu acho que essa experiência da *Manchete*, de certo modo, preparou um pouco o que ia acontecer no *Jornal do Brasil*.

Agora, tem um outro detalhe. Isso, nós estamos em 1956. Nesta época, o *Jornal do Brasil* era o chamado “jornal das cozinheiras”. Então, o Reynaldo Jardim foi à condessa¹⁰ e pediu permissão para fazer uma página feminina no *Jornal do Brasil*. Então, nessa página feminina, ele misturava receita de cozinha, de bolo, conselho para mulher, e poemas. Era uma página. De uma página, ele passou para duas, forçando a barra. De duas, ele passou para três. Quando ele passou para quatro, estava criado o *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* [SDJB], que ele ia fazendo mais ou menos só, ainda. Aí, ele chamou o Mário Faustino e chamou o Oliveira Bastos, que me chamou. Então, eu fui fazer a página de pintura, de artes plásticas; o Mário Faustino, a página de poesia, e aí foi nascendo o suplemento do *Jornal do Brasil*, que é, na verdade, a origem da renovação do *Jornal do Brasil*.

Entrevistador – Mas você saiu da *Manchete* e foi para o *Jornal do Brasil* direto?

¹⁰ O entrevistado se refere à Condessa Pereira Carneiro, que assumiu a direção do *Jornal do Brasil* em 1954, após a morte do seu marido, o conde Pereira Carneiro.

F.G. – Não, não. Isso era o suplemento. Eu colaborava aos domingos e continuava trabalhando na *Manchete*.

Entrevistador – Você fazia crítica de artes plástica na *Manchete*?

F.G. – Não, não.

Entrevistador – No *Jornal do Brasil*?

F.G. – Nesse suplemento nascente.

Entrevistador – Então, o suplemento teria sido o precursor da reforma?

F.G. – Eu não tenho dúvida alguma. Por quê? Por isso, porque foi o suplemento...

Entrevistador – [**Inaudível**]?

F.G. – Em 1956.

Entrevistador – Exatamente um ano [antes da reforma]¹¹.

F.G. – Claro. Em 1956, quer dizer...

Entrevistadora – A reforma é em 1957?

F.G. – É em 1957, a reforma. Então, este fato de que esse suplemento começou a aparecer resultou em que as pessoas começaram a conversar com a condessa e a dizer: “Poxa! Muito bem! O *Jornal do Brasil* agora tem um suplemento literário!”. E eu acredito que esse fato deve ter estimulado a condessa a imaginar que era possível renovar aquele jornal, quer dizer, que era possível transformar aquele jornal em um jornal de verdade. Enquanto isso, o suplemento ia marchando.

¹¹ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Quando foi no fim de 1956 e 1957, foi lançado o Movimento Concreto¹², a Exposição Nacional de Arte Concreta, e aí o suplemento ganhou uma projeção nacional, porque lançou um movimento que teve uma enorme repercussão, e o próprio suplemento começou... No suplemento nós começamos a fazer um tipo de paginação inteiramente revolucionária.

O Reynaldo Jardim, que é um cara de enorme talento, com uma capacidade incrível de apreender as coisas, ele se interessou muito pelas coisas que... as revistas editadas em Ulm e as revistas editadas na Argentina e os livros sobre a Bauhaus, que tinham esses elementos gráficos novos, um novo espírito de paginação, e o Reynaldo, então, levou isso ao cubo. Então, ele fazia título do lado da página, e as colunas, cada uma tinha uma medida diferente, e algumas paginações lindas. E é claro que isso... Eu acredito que o prestígio do suplemento incentivou a condessa a fazer a renovação do jornal.

Então, nesta altura, a chamada “guerra contra o branco” lá na *Manchete* resultou na demissão de todo mundo. Então, eu fui para o *Diário Carioca*, o Jânio voltou para o *Diário Carioca* e, então, ficamos trabalhando lá.

Entrevistadora – E o Amílcar ficou aonde?

F.G. – O Amílcar, não sei onde ficou. Sumiu no espaço. Quer dizer, voltou para as esculturas dele lá. Nessa época, o *Diário Carioca* já estava... já não pagava, já pagava precariamente os salários. Então, o Carlos Castello Branco, que era o editorialista do *Diário Carioca* e era muito amigo do Odylo¹³, ao saber que o Odylo tinha sido convidado para o *Jornal do Brasil* e tinha iniciado o seu trabalho no *Jornal do Brasil*, disse ao Odylo, que me conhecia, que era maranhense como eu e que foi juiz em um concurso de poesia, em 1950, no *Jornal de Letras*, que eu ganhei, disse [ao Odylo]: “Por que você não traz o Gullar para cá?”. Porque, nessa altura, eu era redator da primeira página do *Diário Carioca*, que era um jornal muito gostoso de se fazer, com espírito e tal. Nós pegávamos aquelas fotos para botar na primeira página e fazíamos...

Entrevistador – [Inaudível] experiência no *Diário Carioca* [inaudível].

¹² No Movimento Concretista, que teve Ferreira Gullar como um de seus expoentes, o espaço gráfico começa a ter uma função orgânica no poema. Retirado de: <http://www.ifcs.ufrj.br/~nusc/aline.pdf>, acessado em 02.08.2010.

¹³ O entrevistado se refere à Odylo Costa Filho.

F.G. – ...as legendas mais loucas. Eu me lembro de uma legenda que eu fiz na época... Nós fazíamos e ficava todo mundo rindo, gozando, porque era engraçado, não é? Então, naquela época tinha muito estrôncio-90, não sei se vocês se lembram, as primeiras coisas de bomba atômica, descobrindo que a poeira atômica caía, e se chamava isso de estrôncio-90, que era a contaminação da atmosfera pelo resultado da bomba. Então, tinha que botar uma foto na primeira página, e às vezes não tinha muito assunto e você tinha que... Então, era uma dessas chuvas no Rio, gente de calça arregaçada, guarda-chuva, e então, eu fazia um texto meio informativo e meio gozativo e botava o título: “Chuva com estrôncio, gripe 90”. E outras loucuras desse tipo que saíam no *Diário Carioca*. [riso] Era engraçado, todo mundo ria. A redação do *Diário Carioca* dirigida pelo mestre Prudente, que, do alto de seu... era quem incentivava a esculhambação geral. [riso]

Entrevistadora – Gullar, o *Diário Carioca* era como o *Jornal do Brasil* hoje então?

F.G. – Não era exatamente como o *Jornal do Brasil*. Ele tinha alguma coisa que mais...

Entrevistadora – Eu estou falando em termos de credibilidade. Era o jornal que todo mundo curti na época? Ou não?

F.G. – Eu creio que não era a mesma coisa. O *Diário Carioca* era um jornal menor, era um jornal de pequeno tamanho e não era um jornal de grande circulação. O *Diário Carioca* foi, de fato, o laboratório onde se elaborou esse novo espírito. Porque, inclusive, por ele ser um jornal de poucas páginas, era um jornal que necessitava que você fizesse os textos medidos. Porque ele não era um jornal de grandes recursos, ele tinha que viver também um pouco do espírito, da bossa, quer dizer, uma série de coisas. E o Pompeu de Souza, que tinha sido o homem que, lá no *Diário Carioca*, trouxe a experiência da imprensa americana – o copidesque e a construção da notícia com forma de *lead* e *sublead* – e estabeleceu uma série de normas de redação, de critérios bastante claros, definidos, para orientar o trabalho de elaboração do texto.

Então, o negócio foi esse. Então, nós estamos...

Entrevistador – Quem trabalhava na redação do *Diário*?

F.G. – Olha, eu me lembro do Jânio, o Tinhorão¹⁴, Nilson Lage, Evandro Carlos de Andrade, Carlos Castello Branco e uma porção de gente. Eu não me lembro do resto, não. Mas era toda essa gente que tinha lá... que, como eu disse, teve no *Diário Carioca* a escola de um novo espírito de jornal.

Entrevistador – Muita gente do *Diário* ia para o *Jornal do Brasil*?

Entrevistadora – É legal você falar como era o resto da imprensa. Se no *Diário Carioca* estava acontecendo isso, qual era o jornal que vendia mais? Era *O Globo*?

F.G. – Ah, isso eu não sei.

Entrevistador – O *Diário* seria o jornal mais liberal, com mais penetração no meio estudantil?

F.G. – Eu creio que não. Eu te digo que eu não tenho ideia disso, mas eu creio que não. Eu creio que não era. O que distingue o *Diário Carioca* é esse espírito, de uma nova forma de elaborar a notícia, de encarar o fato jornalístico, com certo humor, com certa... Eu acho que isso é que distinguia.

Entrevistadora – Então, nessa época, ainda não tinha uma ideia [inaudível] dos outros jornais.

F.G. – Não, e eu não me lembro mais. Não era a minha preocupação. Eu sei que os jornais da época que tinham peso era o *Correio da Manhã*, era o *Diário de Notícias*. Eram os jornais que tinham peso.

Entrevistador – *O Jornal* também.

F.G. – *O Jornal* estava... Mas do ponto de vista da técnica jornalística, o *Diário Carioca* era um jornal muito mais avançado que esses. Essa seriedade, essa gravidade da imprensa, esse troço também da primeira página coberta sempre de notícias internacionais – o fato local não aparecia na primeira página, não tinha importância para isso, quer dizer, não se dava. Tudo isso. Já o *Diário Carioca* tinha outro espírito.

¹⁴ José Ramos Tinhorão.

Então, como eu te disse, o Carlos Castello Branco, que era amigo do Odylo, falou: “O *Diário Carioca* não paga o pessoal. Por que tu não chamas o Gullar para ir trabalhar lá no *Jornal do Brasil*?”. Aí ele me chamou e tivemos uma conversa. Mas na hora, não sei por que besteira, eu falei: “Não, vamos ver, porque por hora estão me pagando”, e não fui.

Entrevistador – O Odylo estava assumindo?

F.G. – Estava assumindo. Estava no comecinho mesmo. Mais tarde, um mês ou dois meses depois, o *Diário Carioca*, realmente, já não... Porque quando eu entrei lá, eu coloquei que eles tinham que me pagar. Porque eu não tinha nada, a não ser aquilo, quer dizer, se não me pagassem, não dava pé, não é? E o pessoal, de certo modo, tentou resolver o problema. Porque quase todo mundo lá... Eu não digo todo mundo porque eu não sei, mas tinha muita gente que tinha emprego público. Então, o cara não recebia pelo jornal, mas recebia pelo Estado, pela Presidência da República, pelo instituto não sei de quê. E quem tinha que ganhar diretamente do seu trabalho tinha que receber. Muita gente estava pouco ligando.

Aí, um mês ou dois meses depois, quando realmente o dinheiro não veio, aí eu fui ao Odylo e falei: “Olha, eu realmente estou disposto a vir para cá, porque eu não posso trabalhar num jornal que não me paga”. Aí eu fui lá para o *Jornal do Brasil*. Agora, nessa altura...

Entrevistador – Isso em que ano?

F.G. – Isso deve ser em 1957. Eu não tenho as datas muito claras na minha cabeça, mas deve ser. Então, quando eu fui trabalhar lá, a redação era um troço meio confuso. Do ponto de vista da arrumação das mesas e das funções mesmo, o negócio ainda estava meio indefinido. Tanto que eu passei lá a maior parte do tempo fazendo notícia de aniversário. Eu era redator da primeira página do *Diário Carioca* na época, como o Jânio e outros, e então, eu vou para lá e fico fazendo notícia... “Fez anos ontem...”. Aí, um dia eu falei para o Odylo: “Eu não vou ficar fazendo notícia de aniversário. Esse troço não tem pé nem cabeça. Isso não precisa nem ser redigido. Para isso, não precisa de um redator. Chama um garoto aí e manda fazer”. Aí ele disse: “Ah, é? Eu não estou sabendo o que está acontecendo. Vamos mudar isso”.

Aí, nessa altura, uma revista que estava falindo me convidou para ser diretor da revista, ou redator-chefe, sei lá, que era a *Revista da Semana*, e me ofereceu um salário várias vezes maior que o salário que eu ganhava no *Jornal do Brasil*. Aí eu disse: “Está bom, vou”.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.G. – Aí eu disse: “Está bom, vou”. E cheguei ao Odylo e comuniquei que eu ia embora. O Odylo disse: “Está bom. Está certo”. Mas aí a condessa... Mas eu continuava trabalhando no suplemento. Aí, parece que a condessa achou que eu não devia ir embora e, então, fez umas considerações que depois o próprio Odylo me disse: “Não, a condessa considera que nós não devemos desfazer a equipe que está se formando aqui, então ela propõe pagar a você o que a *Revista da Semana* ofereceu. Se você topa, então, aí você vai ter outra função aqui. Nós vamos organizar o copidesque e você fica chefiando o copidesque”. Eu digo: “Topo. Prefiro ficar aqui”.

Entrevistador – A *Revista da Semana* estava sendo lançada?

F.G. – Estava terminando.

Entrevistador – Ah, estava acabando.

F.G. – Depois ficou morre, não morre, como... Na imprensa, custa a morrer, mas depois morre mesmo, não é? Então, começou o tal copidesque do *Jornal do Brasil* e eu fiquei como chefe do copidesque. Aí eu sugeri que se trouxesse, para o *Jornal do Brasil*, algumas pessoas do *Diário Carioca*, exatamente... Eu não me lembro como é que essas coisas se passaram. Eu estou mais ou menos tentando lembrar aqui. Eu me lembro que eu sugeri que ele chamasse o Jânio, chamasse o Tinhorão e chamasse o Nilson Lage. E se foi por minha sugestão ou não, a verdade é que eles terminaram lá. Logo depois, logo em seguida, com um mês ou dois meses, estava todo mundo lá. Quer dizer, parte da equipe do *Diário Carioca* foi para o *Jornal do Brasil* e o pessoal que na *Manchete* tinha feito a “guerra do branco”: o Jânio... E em seguida foi chamado o Amílcar. Eu não me lembro quem chamou.

Entrevistador – O que é “guerra do branco”?

F.G. – Quando, lá na *Manchete*, nós tentávamos botar muito branco na página, o bloco lá reclamava e nós gozávamos: “É preconceito de cor, é guerra contra o branco”. Então, esse pessoal que teve essa experiência na *Manchete*, que eu acho que foi uma experiência que vai depois se refletir no *Jornal do Brasil*, e o pessoal... Quer dizer, do ponto de vista da experiência gráfica, eu acho que uma parte vem daí, da *Manchete*, quer dizer, dessa experiência da *Manchete*. E do ponto de vista redacional, vem do *Diário Carioca*. Eu suponho que é mais ou menos assim, o espírito e tal.

Entrevistadora – E da *Tribuna Carioca* também? Não foram algumas pessoas?

F.G. – Não sei. Pois bem. Então, reunido o pessoal lá... A partir daí, eu confesso que a minha memória não é muito clara do que aconteceu, quer dizer, detalhes de como as coisas foram se entrosando. Eu sei que se começou a organizar o copidesque, a redação começou a ganhar forma, horário para fechar e aí começaram a se colocar os problemas: o Amílcar paginando, então, tem que medir as matérias, porque senão estoura tudo. E aí, a ideia de papel diagramado, para contar com mais facilidade.

Entrevistador – Não havia o papel diagramado ainda?

F.G. – Eu acho que não.

Entrevistador – [Inaudível] surgiu na *Última Hora*.

F.G. – Que eu saiba, foi lá. A primeira vez que eu vi [papel diagramado] foi lá. Eu me lembro que se colocou esse problema lá porque estouravam as matérias.

Entrevistador – Por alguns depoimentos, nós sabemos que surgiu na *Última Hora*.

F.G. – É possível.

Entrevistador – O papel pautado e medido, isso surgiu na *Última Hora*.

F.G. – Deve ter sido. Eu sei que lá nós enfrentamos esse problema e surgiu... “Como é que nós vamos fazer para evitar que estoure as matérias?”.

Entrevistadora – E você lembra qual era a participação do Odylo? Ele que chegava [inaudível]? Como era a transação com o Odylo?

F.G. – Eu acho que o Odylo... O espírito que tinha na redação lá não era o espírito da *Manchete*, não era muito de que houvesse uma oposição a se renovar o jornal, porque o Odylo já foi chamado para o *Jornal do Brasil* para renovar. Porque o jornal era um jornal que consistia em pegar o noticiário da Agência Nacional, cortar, colar numa página e descer.

Entrevistador – Na época do suplemento, o Odylo não estava ainda no *Jornal do Brasil*?

F.G. – Não, não. O suplemento é anterior à renovação do jornal.

Entrevistador – [Inaudível] reforma, porque foi antes de o Odylo chegar.

F.G. – Eu acho que o suplemento é o motivador da reforma do *Jornal do Brasil*.

Entrevistador – O suplemento feito por Reynaldo Jardim.

F.G. – [Feito] com Reynaldo Jardim. Eu não estou dizendo que o suplemento renovou jornalisticamente o *Jornal do Brasil*, que ele é a fonte do espírito que o jornal passou a ter; eu digo que a vontade de fazer daquele jornal de cozinha um jornal certamente nasceu do fato de que o Reynaldo criou esse suplemento lá e mostrou à condessa e, enfim, às pessoas que eram responsáveis pelo jornal que aquele jornal podia nascer de novo.

Entrevistador – E, nessa época, a condessa também já estaria interessada em modificar o jornal.

F.G. – Em modificar, é claro. Porque aí, você vai a um jantar, vai a um coquetel, começam a falar do seu jornal, a dizer: “O suplemento...”, e isso e aquilo. Eu acho que isso deve ter sido um estímulo para ela chamar uma pessoa. E ela chamou o Odylo, que é maranhense, como a família dela, e que ela conhecia e tal, e o Odylo, por sua vez, começou a chamar algumas pessoas. Então, terminou se formando lá essa equipe. Eu acho que o que determinou o tipo de reforma, eu acho que foi a gente mais jovem que entrou no jornal. Eu acho que é o que determinou o tipo de reforma. O *Jornal do Brasil* poderia ter se transformado de jornal de cozinha em um jornal

como era o *Correio da Manhã*, como era o *Diário de Notícias*; agora, para ele ter o espírito que ele teve, quer dizer, para ele ter uma visão gráfica nova, para ele ter um espírito de texto diferente, aí foi esse pessoal jovem que entrou lá e que foi um pouco forçando a barra. Porque isso é natural: o cara jovem tem sempre um outro espírito.

Entrevistador – Você se lembra de algum exemplo de forçação de barra?

F.G. – Eu me lembro. Quer dizer, eu me lembro de fatos, assim... Eu não estou querendo aqui reescrever a história. Eu vou contar o que aconteceu, coisas que eu me lembro. Eu me lembro, por exemplo, que um dia... Nós íamos fazendo o jornal, mas, de repente, ficava um buraco. Então, o buraco... “Pega aí o noticiário internacional e vê se tem alguma noticiuzinha que possa tapar esse buraco aqui”. Então, nós pegávamos qualquer notícia, alguma que tivesse um longínquo interesse, reescrevíamos aquilo e pronto. Uma vez, coube a mim ter que tapar um buraco daqueles... Eu estou falando de mim porque eu me lembro. Isso deve ter acontecido outras vezes, com outras pessoas. Então, eu me lembro que era uma notícia que dizia o seguinte: “Foi descoberto o germe da icterícia. Esse germe é assim e assado, é redondo, é isso e tal”. Então, eu peguei essa notícia que realmente não era muito sensacional, fiz a notícia e botei o seguinte título, “Descoberto o germe da icterícia: é redondo”, como a característica fundamental. Aí o Odylo falou: “Porra! Isso é sacanagem. Não bota essa notícia”.

Entrevistador – Quem falou?

F.G. – O Odylo. “Isso é sacanagem.” E eu digo: “Mas é mesmo. Mas a única maneira dessa notícia ficar interessante é essa, de botar que o germe é redondo”. Esse tipo de coisa. Então...

[FINAL DO ARQUIVO *01]

F.G. – ...o germe da icterícia era redondo. Mas o que eu gostaria também de deixar claro aqui é o seguinte: o espírito que reinava na redação era um espírito que permitia a você ir forçando as barras. No fundo, eu acho que não se tratava de que havia um grupo que tivesse um espírito fechado e, vamos dizer, antiquado e um grupo que tivesse um espírito renovador em choque. Não havia isso. Eu acho que havia mais o fato de que um grupo tinha um tipo de experiência de imprensa e o outro, um outro tipo. E ao mesmo tempo, o Odylo, como o responsável, tinha certa timidez em avançar, quer dizer, não sabia até que ponto determinadas coisas não poderiam ser

apressadas, ser excessivas, sobretudo coisas que não estavam muito dentro da experiência dele como jornalista, que vinha mais de uma outra área dessa turma mais jovem. Tanto que eu me lembro... Pode ser que haja também algum erro nisso, mas eu me lembro que a primeira foto a ser publicada na primeira página do *Jornal do Brasil*...

Entrevistadora – [Inaudível].

F.G. – ...essa primeira foto foi feita num dia em que o Odylo não estava na redação.

Entrevistador – [Inaudível].

F.G. – Ele não estava. Eu tenho para mim que essa foto... Eu não tenho muita memória, mas de certas coisas, estranhamente, eu me lembro. Eu tenho para mim que essa foto era a foto do casamento de Ibrahim Sued¹⁵ e que tinham umas pessoas na frente de uma casa com uma grade, e as pessoas trepadas na grade e uns com guarda-chuva – estava chovendo. E nós decidimos botar essa foto na primeira página. E era feito em termos meio de gozação, quer dizer: “Vamos botar?” “Vamos.” “E amanhã, o que vai acontecer?” No fundo, nós sabíamos que não ia acontecer nada. Não era um negócio de... “Vamos botar na marra e amanhã, se houver alguma coisa, se demite todo mundo”. Não era isso. Era um pouco... “Vamos forçando a barra que a coisa vai”. E saiu. Saiu a foto. Então – não sei se isso é folclore, não sei de onde é que eu sei isso, ou se comentou na redação –, o que aconteceu é que ele teria recebido telefonemas e tal: “Bacana!”. E esse troço ia dando apoio ao avanço. Então, você botava um pé aqui e conseguia botar o outro adiante.

Por outro lado, o Amílcar, que, como eu disse, era basicamente um escultor, não era uma pessoa que tivesse experiência de diagramação. Antes da *Manchete*, eu creio que ele não tinha. Não sei, mas creio que não tinha. Mas um cara muito sensível e muito inteligente. O Amílcar é um cara extraordinariamente inteligente, muito sensível e muito aberto às coisas. E a sensibilidade dele e essa abertura dele, evidentemente, foi um fator importante na renovação da paginação do jornal. Agora, é claro que, evidentemente, um jornal não é uma coisa puramente estética, não é isso? Quer dizer, a paginação do jornal não pode se alimentar apenas da beleza da diagramação. A diagramação puramente bonita pode entrar em choque com o caráter informativo, com o

¹⁵ Foi um jornalista brasileiro. Em 1954 começou a trabalhar no jornal *O Globo*, onde permaneceu até sua morte, em 1995. Se destacou, neste periódico, por assinar a coluna social que marcou época e causou diversas polêmicas.

interesse jornalístico propriamente dito. Então, é claro que atuava nisso as pessoas que tinham mais experiência de jornal, que iam, então, dando ao Amílcar...

Isso eu acho que é interessante, porque é uma coisa meio dialética: um certo rompante do cara que quer fazer o negócio bacana, pouco ligando para outros aspectos e, do outro lado, o cara que está apoiando aquilo mas, ao mesmo tempo, tem que dar a norma, para não fugir do espírito jornalístico propriamente dito. Eu acho que nisso o Jânio teve um papel fundamental. Eu acho que, dessa equipe, não é porque ele está aí, não, mas eu acho que, dessa equipe, o grande jornalista era ele, mesmo. Era o cara que tinha a experiência completa. Eu, por exemplo, podia ser um redator razoável, mas eu não era um cara com uma experiência de jornal, como eu contei no começo, de uma formação profunda. Não era. E o meu interesse no jornal era um interesse relativo, estimulado pelo entusiasmo dos companheiros e, também, porque você fazer uma coisa nova sempre te estimula. Mas o meu interesse fundamental era voltado para outras coisas.

E o Amílcar também. O Amílcar era um cara com sensibilidade, e ele se interessar, se apaixonar por uma coisa como essa, renovar o troço, perfeito, mas também o interesse dele era, fundamentalmente, a escultura dele e as outras coisas, as preocupações fundamentais dele.

O Tinhorão era um redator muito bom e muito engraçado. Um pouco sarcástico e cruel, como sempre, [riso] mas também um cara com uma formação boa, lá do *Diário Carioca*. O Nilson Lage era outro redator muito bom. Eu acho que essa gente construiu a base do negócio. E o cara que avançava mais, na medida em que inclusive foi ganhando posição dentro do jornal, o que permitiu levar o negócio adiante, foi o Jânio, quando depois ele assumiu já um papel protagônico dentro do jornal, com a saída do Odylo. E já antes, na seção de esportes, ele já tinha feito uma série de inovações. Então, eu acho que o quadro mais ou menos é esse, do que eu me lembro.

Entrevistador – E quem havia mais no copidesque? Era o Edson Carneiro, o Armando Nogueira...?

F.G. – Não. Armando Nogueira, não.

Entrevistador – Não?

F.G. – Lá no copidesque, não. Na época em que eu trabalhei no copidesque, não. O Edson Carneiro era do copidesque...

Entrevistador – O Quintino.

F.G. – O Quintino...

Entrevistador – O Bandeira¹⁶.

F.G. – O Bandeira, o velho Bandeira...

Entrevistador – [**Inaudível**].

F.G. – Claro. Aquele menino também... Como é o nome dele? Ele agora estava escrevendo nessa revista *Ele Ela*, fazendo uns negócios de comida, de bebida, de coquetel. Como é...?

Entrevistador – Luiz Lobo.

F.G. – O Luiz Lobo.

Entrevistador – Qual era o papel do Quintino nesse processo? O [**inaudível**] nos revelou que ele era setorista de abastecimento. Então, ele pegava uma pauta, entregava no fim da tarde ou começo da noite e não tinha muito uma intimidade com o jornal. Mas ele colocou uma imagem para nós, assim, que havia dois partidos dentro da redação: o partido da reportagem, não da chefia reportagem, que era encarnado pelo Wilson Figueiredo, e o partido do copidesque, que, pela visão dele, o informante dele era o Quintino de Carvalho. Qual era a participação do Quintino nesse processo?

F.G. – Eu confesso que não sei disso, da participação exata dele. Não tenho informação específica. Não sei.

Entrevistador – Mas havia realmente esse...?

¹⁶ O entrevistado provavelmente se refere a Manuel Bandeira.

F.G. – Eu sei o seguinte: quando eu estava dirigindo o copidesque e o Wilson dirigia a reportagem, o Wilson tumultuava muito o ambiente, quer dizer, estava sempre correndo e fazendo umas confusões lá e, certamente, pretendia outras coisas, suponho. Não sei. Agora, nós, lá no copidesque, nós procurávamos... Eu não entrava em política nenhuma. Eu nunca entrei em política de jornal: nunca disputei cargo nem... E eu mostrei para vocês que eu entrei para o copidesque assim: me demiti e aí me chamaram e eu fiquei lá. Então, eu não participava de política nenhuma. Agora, às vezes eu sentia, é claro... Mas isso é comum nas redações, certo tipo de rivalidades e de jogadas e de certas coisas, assim, para deslocar o cara. Mas eu acho que isso é irrelevante. Eu não gostaria de entrar nesse tipo de...

Entrevistador – E esse processo de... Algumas pessoas da redação **[inaudível]**? Ou havia alguma resistência mais rigorosa **[inaudível]**?

F.G. – Eu acho que esse troço se manifestou sobretudo depois que o jornal já ia ganhando expressão, porque aí essa coisa foi se transformando mais numa luta pelo poder. Eu creio que no começo, no que se refere à renovação, era mais ou menos esse espírito que eu procurei dar aí, quer dizer, o pessoal mais jovem empurrando para ir mudando, até que o jornal foi ganhando a sua forma e ganhando prestígio. A partir daí, fatalmente, se inicia já um outro tipo de luta. Aí já não se trata mais da luta por botar fotografia ou escolher o novo caráter de tipo que o jornal vai ter. Aí já começa a ser a luta pelo poder mesmo, pelos postos dentro do jornal.

Mas eu, em 1958, eu fui demitido do *Jornal do Brasil* espetacularmente e fui dar com os costados lá no *Diário de Notícias*, do Joãozinho Dantas.

Entrevistadora – Quer dizer que você só ficou um ano lá, só ficou de 1957 a 1958?

F.G. – [Fiquei de 1957] a 1958, a fim de 1958, outubro de 1958. Mais de um ano.

Entrevistador – Agora, do ponto de vista...?

F.G. – Na redação. Depois eu voltei. Quando o Odylo saiu, a condessa mandou me chamar. Mas aí eu disse que não aceitava trabalhar na redação mais e que eu queria ficar trabalhando só no suplemento. E aí fui trabalhar só no suplemento e não voltei mais para a redação.

Entrevistador – Do ponto de vista [**inaudível**], de apresentação da matéria, de titulação, enfim, do ponto de vista de apresentação da informação, em que o *Jornal do Brasil* se apresentava inovador ou melhor e em que ele absorvia aquela experiência do *Diário Carioca*?

F.G. – Eu acho o seguinte: do ponto de vista do texto, eu acho que não apresentava nenhuma inovação com respeito ao *Diário Carioca*. Do ponto de vista da construção do texto, era aquele mesmo espírito do *Diário Carioca*.

Entrevistador – [**Inaudível**].

F.G. – Claro. Era aquela mesma coisa. Inclusive porque, basicamente, o pessoal que estava lá fazendo era o pessoal que tinha vindo do *Diário Carioca*. Eu, pessoalmente, o que aprendi no *Diário Carioca*, eu procurei transferir para os caras que estavam ali, porque uns não tinham essa experiência. E a mesma coisa fez o Jânio, fez o Tinhorão, fez o Nilson Lage. Então, do ponto de vista do texto, era aquilo mesmo. Do ponto de vista da diagramação é que eu acho que houve uma coisa nova. Aí, com a contribuição que eu digo que é dessa experiência que vem da *Manchete*: a contribuição do Amílcar e do Jânio. E outras modificações. Porque era um jornal muito maior, era um jornal que dava para você elaborar uma coisa com mais amplitude, quer dizer, desenvolver uma série de coisas que no *Diário Carioca* não tinha nem possibilidade de desenvolver, dado o próprio tamanho do jornal e o próprio caráter do jornal. O *Jornal do Brasil* oferecia um outro campo. Então, a partir daí, a coisa pôde realmente se desenvolver.

Entrevistador – E do ponto de vista de reportagem, isto é, matérias que chegavam ao copidesque, em que o *Jornal do Brasil* melhorava e inovava? Era pela variedade ou versatilidade de assuntos que ele cobria? Era, por acaso, por um tom questionador à cobertura? Era também, por acaso, por uma certa coisa que talvez não existisse na época, que era um descompromisso com um grupo de opiniões e a disposição de noticiar tudo?

F.G. – Eu te digo que eu não tenho muito claro isso. A impressão que eu tenho é o seguinte, é que como o jornal tinha bastante espaço e havia uma certa garra e um estímulo para fazer o jornal, quer dizer, um certo entusiasmo, então, era um jornal que continha muita matéria, quer dizer, que se punha repórter na rua em grande quantidade – às vezes, dois, três repórteres, para cobrir um troço só. Não me lembro de uma matéria especificamente, mas me lembro de

matérias que eram cobertas às vezes por quatro repórteres e que chegava na redação e cada um tinha lá um aspecto. Quando era um acontecimento mais importante, cada um tinha um aspecto diferente do mesmo acontecimento. E desenvolvendo também uma coisa que eu acho que era interessante: uma certa liberdade para o repórter. E eu acho que nisso o espírito do Odylo atuou bastante, de que certo repórter que tinha um espírito um pouco brincalhão ou um pouco mordaz, então, deixava o texto dele como estava. Dava uma costurada por cima, limpava um pouco, mas mantinha aquele espírito do negócio. Às vezes, um texto em que, do ponto de vista informativo, o assunto estaria completo, inteiramente coberto, e aquele texto ali trazia aspectos mais pitorescos ou sarcásticos, se punha.

Entrevistador – Havia algum repórter que se destacou especialmente, sobre esse aspecto?

F.G. – Eu me lembro que um cara cujas matérias tinham um pouco esse espírito era o Gutemberg.

Entrevistador – Luiz Gutemberg.

F.G. – É.

Entrevistadora – Gullar, a Ana Arruda, no depoimento dela, ela diz mais ou menos o contrário. Ela disse que era muito rígido, que as pessoas exigiam muita rigidez: *lead*, *sublead*, aquela coisa muito... Inclusive, ela exemplificou com uma matéria que ela fez com uma senhora, uma condessa qualquer, que ela não sabia como ela ia escrever porque era uma matéria muito emocional e ela estava acostumada àquela rigidez do jornal. E aí o Araújo Neto, que era o chefe nessa época, ele falou para ela escrever como ela estava sentindo. E ela sentiu muita dificuldade, porque ela disse que vocês exigiam sempre aquela coisa certinha.

F.G. – Não, está certo. Como norma, era isso. Como norma, era essa a maneira de escrever. Agora, havia esses casos que eu te citei. E certamente... Eu não sei em que época aconteceu isso com ela. Porque, muitas vezes, algum outro repórter que estava começando, o pessoal ficava em cima, um pouco para enquadrar o cara, um pouco para aprender a fazer dentro daquela norma. E depois o cara quebra, rompe, inventa. Isso pode ser verdade. As duas coisas podem ser verdade. Não há... Primeiro porque o jornal é um negócio... Muita coisa acontece, muito tempo se passou. Em determinado momento, podia predominar um espírito e em outro, outro,

dependendo também de quem está dirigindo o copidesque, ou dependendo de quem está dirigindo a redação no momento. Quer dizer, isso...

Entrevistador – Do ponto de vista de angulação da matéria, parece que houve, pelo menos numa fase e que marcava exatamente essa renovação, que a tendência na abertura da matéria e na titulação era puxar para um aspecto que, digamos, o redator ou o repórter do *Correio da Manhã* não puxaria. Por exemplo, esse negócio da descoberta do germe da icterícia, “é redondo”. Houve uma fase em que a reforma e esse trabalho do pessoal do *JB* foi marcado por isso, a preocupação de buscar o diferente, o original, o ousado?

F.G. – Porque o...

Entrevistador – Deixa eu te dar só um exemplo. Quando eu fui para o *Jornal do Brasil*, eu ainda peguei lá, ainda na fase do Jânio, um título que nós morremos de rir, feito pelo Décio Vieira Otoni. Era um sujeito da Petrobras, dizendo que a Petrobras, por exemplo, aplicou 24 milhões de cruzeiros em pesquisas, e o nome do cara era Zaratrusta de não sei o quê. Você se lembra disso? Então, o Décio Vieira Otoni botou o título assim: “Petrobras anuncia investimentos de 24 milhões, assim falou Zaratrusta”. [risos]

F.G. – Claro. É esse tipo de coisa... É o tal negócio, o Décio era outro que veio do *Diário Carioca*. Eu ligo um pouco esse negócio lá para o *Diário Carioca* porque era onde predominava esse espírito. E eu acho que isso ficou. É evidente que não chegava a ponto de você pegar uma notícia importante, o presidente da República declarou uma coisa, e pegar e botar uma piada na frente. Isso não era... Isso quase sempre funcionava ou quando a coisa era realmente muito engraçada, em qualquer matéria – não numa matéria grave, séria, mas em qualquer matéria –, mas, predominantemente, nas matérias secundárias, porque era uma forma de você valorizar a matéria. Eu me lembro de outras coisas. Por exemplo, faltava água no Rio, então, o cara descobre que o problema estava na adutora de Macacos, então, sai a notícia: “Descoberta a causa da falta d’água no Rio: Macacos”. É um troço surrealista, mas você vai ler a notícia e está lá correto, quer dizer, que é a adutora de Macacos. Mas esse título... Mas isso ficou, de certo modo, no *Jornal do Brasil*, pelo menos até há alguns anos. Eu não sei como é que está agora. Porque eu me lembro que quando houve aquela coisa do Mao Tsé-Tung, que o Mao Tsé-Tung ia indicar o Lin Piao para o lugar dele, o *Jornal do Brasil* publicou, em uma coluninha, a

seguinte coisa: “De Mao a Piao”. [riso] É esse mesmo espírito. Mas isso não faz muitos anos, não. Esse troço havia lá, e eu acho que ficou, fecundou, se transferiu para outros redatores.

Entrevistador – E você acha que o *Jornal do Brasil*, nessa reforma, refletia [politicamente]¹⁷, ou pelo menos tinha a preocupação de, documentalmente, [inaudível]? Como é que você vê a cobertura, a linha, o tom, as simpatias?

F.G. – Eu me lembro que na época... Era o governo do Juscelino, não é? E o governo do Juscelino foi um governo que quase não toma posse. O Juscelino quase não toma posse. Teve aquela confusão do Café Filho, em que o Lott terminou depondo o Café Filho para poder assegurar a posse do presidente eleito. E o Odylo era do governo do Café Filho. Ele dirigia as Empresas Incorporadas da União, na época do Café Filho. Então, é claro que ele procurou dar uma certa linha, no *Jornal do Brasil*, de oposição ao governo do Juscelino, naturalmente. Então, no que se refere a isso, o jornal fazia algumas maldades com o presidente, procurava orientar... Eu me lembro inclusive do Adirson – que é parente do Café Filho –, que foi trabalhar lá também e que fazia umas matérias venenosas e tal, uma coisa meio...

Entrevistador – O Adirson...?

F.G. – É, o Adirson de Barros. Até terminar naquele incidente da fotografia que ficou célebre, que é um pouco produto desse mesmo espírito, que foi indo, até chegar naquela fotografia que apresenta o Juscelino pedindo dinheiro para o Foster Dulles¹⁸, que resultou na demissão do Odylo. Então, era mais ou menos isso, que eu me lembre. Não...

Entrevistadora – [Inaudível] censura? Então não tinha nessa época, não é?

F.G. – Censura na imprensa, no governo do Juscelino? Não.

Entrevistador – Uma censura da própria empresa?

Entrevistadora – Porque parece que teve uma época, na época do Lacerda, que o Lacerda...

Entrevistador – A condessa interferia na redação?

¹⁷ O mais próximo do que foi possível ouvir.

¹⁸ Foi um político norte-americano e Secretário de Estado dos Estados Unidos entre 1953 e 1959.

F.G. – Não. Que eu saiba, não interferia, não. Naturalmente, os donos do jornal têm sempre interesse na orientação do jornal, e acredito que o Odylo devia discutir a orientação do jornal.

Entrevistador – Mas não interferia diretamente.

F.G. – Não, não. Interferência direta, não havia, não. Nunca tomei conhecimento disso.

Entrevistadora – A condessa aparecia lá?

F.G. – Na redação?

Entrevistadora – É.

F.G. – Não. Ela ficava no gabinete dela, lá embaixo.

Entrevistadora – Ela não chegava, para estimular as pessoas?

F.G. – Não. Eu não me lembro dela na redação, quer dizer, entrando na redação para... Eu não me lembro, não.

Entrevistador – E como é que ela viu todo esse processo de mudança?

F.G. – Eu acho que ela era muito interessada no processo de mudança do jornal e apoiava, porque acredito também que por essa experiência do suplemento, que foi uma coisa que deu prestígio ao jornal primeiramente, que estimulou a coisa, creio que ela via que o pessoal jovem e as transformações e a modernização do jornal era uma coisa positiva, então, ela apoiava. Ela apoiava. Tanto que o suplemento se manteve até... Se eu não me engano, o suplemento deve ter terminado em 1962, se eu não me engano, no começo de 1962 ou fim de 1961, por aí. Mas já havia uma guerra contra o suplemento, por causa disso, pelo problema do... E também, o problema de preço de papel. E o suplemento usava aquelas páginas com muito branco, aquela coisa... Então, começou a haver lá uns problemas e foram sendo reduzidas as páginas do suplemento. Ela procurava ajudar e influir, no sentido de que a coisa se mantivesse, mas terminou fechando.

Entrevistadora – Hoje em dia, como é que você encara a reforma do *JB*? Em que você acha que ela influenciou na imprensa de um modo geral? Você olhando agora, o que ficou, o que foi importante?

F.G. – Eu não sei. Eu acredito que, de algum modo, tenha influenciado. Deve ter influenciado. Mas eu não sei, precisamente, em que... Eu não poderia citar um exemplo, de que foi nisso ou naquilo. E também, depois daí eu me isolei na sucursal d'*O Estado de S. Paulo* e fiquei ligado lá, só no meu canto, e desenvolvi minha atividade em teatro e outras coisas e confesso que fiquei meio desligado de...

Entrevistador – Gullar, o *status* do pessoal que trabalhava no *Jornal do Brasil* era diferente? O pessoal que trabalhava em outros jornais via os repórteres, o pessoal que trabalhava no *Jornal do Brasil* diferente? Tinha um *status* melhor? Ganhava mais? Como era?

F.G. – Eu não sei direito. Eu acredito que o *Jornal do Brasil* pagava... talvez pagasse melhor que outros jornais.

Entrevistador – Mas como era a relação do pessoal do *Jornal do Brasil* com o pessoal dos outros jornais?

F.G. – Eu sei que, em uma determinada época, o sujeito trabalhar no *Jornal do Brasil* era prestígio e...

Entrevistador – Era uma distinção profissional?

F.G. – Era uma distinção profissional. E também, os salários eram relativamente bons. Não sei como isso é hoje, mas houve uma época em que era. Nós sempre achávamos ruim. Porque nós estamos sempre querendo mais salário, é claro. Então, eu fico meio [inaudível] para dizer que os salários eram bons porque eu estou sempre achando que estou ganhando pouco. [riso] Tem esse detalhe.

Entrevistador – Mas você disse que ficou um ano no *Jornal do Brasil*...

F.G. – Eu não sei exatamente quanto tempo eu fiquei. Eu acho que foi mais de um ano.

Entrevistador – Certo. Mas logo depois...

F.G. – Daí eu fui para o *Diário de Notícias*, que também estava tentando se renovar.

Entrevistador – Quando você chegou no *Diário de Notícias*, como é que você soube que estava havendo toda essa transformação no *Jornal do Brasil*? Como que a imprensa acompanhou?

F.G. – O pessoal tinha interesse. Tanto que o próprio *Diário de Notícias* estava num processo de renovação, quer dizer, estava tentando fazer uma coisa semelhante ao *Jornal do Brasil*: se renovar, chamar novos quadros para trabalhar, mudar a forma de redação, adotar também esse sistema de *lead* e *sublead*, quer dizer, dar uma estrutura mais clara para a notícia e não ficar aquela coisa de qualquer maneira. Porque o problema do *lead* – por exemplo, a Ana Arruda reclamou – realmente, se você leva o negócio com rigidez, a coisa pode ser prejudicial, mas como uma norma básica de redação é um negócio muito bom, porque é um troço que te disciplina e que, de qualquer maneira... Pelo menos, uma notícia clara e objetiva você tem. Porque se você deixar a coisa à vontade, o repórter pode acertar, se ele tem já muita experiência, muita cancha, ele faz, mas se não tem, pode também sair uma coisa muito mais confusa, com certos dados fundamentais que desaparecem ou que são colocados no fim da matéria. Quer dizer, como disciplina, como norma, eu acho que era uma coisa positiva. E o *Diário de Notícias*, nessa época, estava tentando fazer a mesma coisa – e não pôde fazer porque houve lá outras dificuldades, internas lá do jornal – e mais tarde, também o *Correio da Manhã*. O dr. Jânio foi para lá e iniciou também uma reforma no *Correio da Manhã* e...

Entrevistador – Houve, na mesma época, no *Jornal do Commercio*.

F.G. – Também. Quer dizer, a experiência do *Jornal do Brasil*, nesse sentido, estimulou os outros jornais a tentar mudar. Só que isso não é uma coisa simples. O sujeito fazer isso em um jornal como o *Jornal do Brasil*, um jornal velho e cujos redatores têm 30 anos de trabalho ali e que eles próprios já estão cansados e não estão interessados em muita coisa é diferente de você fazer isso em uma redação de outra natureza, de um jornal que ainda está aí viçoso. Aí você encontra graves dificuldades. Não é simples fazer. Dá uma confusão dos diabos, não é? E isso dificulta, porque às vezes você não pode aproveitar os quadros que o jornal tem, ou esses

elementos que estão no jornal resistem a reaprender uma série de coisas, a abrir mão de uma série de troços que ele já sabe, que ele já está habituado. Isso cria, realmente, muita dificuldade. Então, talvez por isso não tenha sido tão fácil você operar uma renovação em profundidade como a que foi feita no *Jornal do Brasil*. Porque saiu um outro jornal, realmente. Do que ele era para o que ele passou a ser, virou outra coisa.

Entrevistador – Como o leitor assistiu essa transformação na época? Houve reação? Houve estímulo?

F.G. – Eu tenho para mim que os leitores gostaram. A impressão que eu tenho é essa.

Entrevistador – [**Inaudível**].

F.G. – Ah, isso eu não me lembro. Não sei.

Entrevistador – Já havia, nessa época, uma tendência a separar o jornal, o chamado material literomusical e de lazer da notícia mais direta, que depois veio a se constituir no primeiro e segundo caderno? Havia a tendência de fazer a separação, de fazer um jornal de serviços de um lado e um jornal noticioso do outro?

F.G. – Essa pergunta é interessante. Agora, de memória, assim, eu não te poderia dizer se já havia essa separação ou não. Eu sei que no *Jornal do Brasil*, de qualquer maneira, com a criação do *Caderno B*, essa separação se deu bem clara.

Entrevistador – O *Caderno B* foi bem depois da reforma, não é?

F.G. – O *Caderno B*, eu acho que é de 1962, por aí, se eu não me engano. É antes? É quando? É em 1960, não é?

Entrevistador – Chamava-se *Segundo Caderno*.

F.G. – É. Tinha outro nome, *Segundo Caderno*, é claro. O nome de *Caderno B* é que vem depois, claro. É isso, não é?

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.G. – Depois do *Jornal do Brasil*, depois que eu saí do *Jornal do Brasil*... Como eu disse para vocês, eu fui demitido do *Jornal do Brasil*, fui para o *Diário de Notícias* e depois voltei para o *Jornal do Brasil* e não aceitei mais...

Entrevistador – Como é que você foi demitido do jornal?

F.G. – Eu fui a São Paulo fazer uma conferência sobre a pintura de Lygia Clark e quando voltei, estava demitido.

Entrevistador – Sem motivo justo?

F.G. – Sem motivo. Porque eu tinha jogado uma cadeira para cima na redação.

Entrevistadora – Ah, me contaram isso.

Entrevistador – Como é que foi o lance?

F.G. – O negócio é o seguinte: eu tinha editado um livro e ia fazer uma palestra em São Paulo, então, aproveitei para levar para São Paulo o livro recém-editado...

Entrevistador – E que livro que era?

F.G. – Era um livro de poemas concretos.

Entrevistador – *A luta corporal*?

F.G. – Não, não. *A luta corporal* é muito antes. Foi um livro fininho, com 13 poemas, que eu tinha editado lá – nós tínhamos criado uma editora do suplemento do *Jornal do Brasil*. Então, eu cheguei na redação com aqueles livros empacotados e mostrei lá o livro para o Tinhorão, para não sei quem que estava na redação e ficamos conversando ali. E eu, no dia seguinte, de madrugada bem cedo, ia pegar o avião para ir para São Paulo. E o pessoal era aquela gozação. Então, de repente, eu fui tomar um café e, quando voltei, era a hora de eu ir embora, o pacote de

livros tinha sumido. Mas eu não podia ir embora sem o pacote de livros porque eu tinha que levar para São Paulo. Então, procurei o pacote e começou aquela brincadeira: “Ah, sumiu...”. Aí, eu digo: “Eu tenho que ir embora. Eu tenho que dormir. Eu tenho que acordar cedo”. E o Wilson Figueiredo estava participando dessa brincadeira lá. E eu digo: “Bom, não aparece...”. Peguei uma cadeira e falei: “Eu dou um segundo para aparecer o negócio, senão eu joga essa cadeira para cima”. [riso] Aí, ele disse: “Não, está aqui”. Aí eu digo: “Bom, então me dá”. Ele falou: “Ah, não está aqui”. Aí eu peguei e joguei a cadeira para cima.

Se eu não me engano, havia uma divisão na redação, uma divisão que do lado de lá ficava o Odylo sentado numa mesa e do lado de cá ficava o resto da redação. E acho que eu joguei a cadeira por cima dessa divisão. Mas o Odylo não estava lá, não. Já era tarde da noite, já não tinha ninguém no jornal. Tinha três ou quatro pessoas no jornal. Mas eu não joguei para quebrar. Evidentemente, eu joguei também de gozação, meio de sacanagem. Mas a cadeira caiu de mau jeito e quebrou a perna. Aí, ajeitamos, rimos e tal.

Entrevistadora – E apareceu o pacote?

F.G. – Apareceu o pacote, eu botei o pacote debaixo do braço e fui embora. E quando eu voltei, eu estava demitido. Aí, eu também não pedi explicação, por que eu estava demitido ou não. Quando me disseram que eu estava demitido, eu cheguei... “Está bom”. O Odylo falou: “Não, você está demitido...”. Eu disse: “Não precisa explicar, não. Estou demitido, estou demitido. Até logo”. Tirei as coisas da minha mesa e fui embora. Nesse tempo, eu trabalhava no *Jornal do Brasil* e no suplemento literário, também – eu continuava a fazer a página de pintura e fazia a seção de crítica de artes plásticas do jornal mesmo, diária. E então, fui demitido de tudo, de uma vez. Fiquei num mato sem cachorro, não é? Eu tinha acabado de alugar um apartamento caro, mais caro do que o outro em que eu morava e fiquei, realmente, um pouco...

Mas aí, fui para o *Diário de Notícias*. Estava lá o Luciano Martins, o Nilson Viana, e o pessoal tentando também fazer lá umas reformas, mas num nível, claro, que não tinha possibilidade nenhuma. Então, pouco depois, houve esse incidente da fotografia do Juscelino, saiu o Odylo e aí, como eu contei, a condessa mandou me chamar. E eu então não quis mais ir para a redação do jornal, eu quis ficar no suplemento, porque lá era mais tranquilo. E depois eu fui demitido de novo, porque aí fizemos aquela célebre greve, a greve de 1962. Mas, nessa altura, eu apenas fazia, no *Jornal do Brasil*, uma crônica, que eu fazia duas vezes por semana, e fazia a seção de

artes plásticas, e trabalhava como redator em *O Estado de S. Paulo*, para onde eu fui chamado pelo Prudente. Eu já estava trabalhando lá. Aí, fui demitido e fiquei lá na sucursal do *Estadão*, onde fiquei para sempre, quieto lá, de copidesque, batendo máquina lá, sem querer mais me meter na confusão. E nunca mais quis chefiar nada.

Entrevistador – Você foi para o *Estadão* em que ano?

F.G. – Eu acho que foi em 1962. Foi em 1962. E aí foi bom porque eu fiquei lá tranquilo e nunca mais fui demitido. [riso]

Entrevistador – A tua passagem no *Diário de Notícias* foi curta então?

F.G. – Foi curta. Foi interessante e tal, mas foi curta. Mas eu andei trabalhando em outros troços, assim, eventualmente. Porque depois fui para Brasília e, quando voltei, não tinha onde trabalhar e fui trabalhar no *Mundo Agrário* e *Mundo Ilustrado*, onde não me pagaram. Foi uma luta. Tinha um cara lá, um mastodonte que era responsável pelo pagamento, que o cara ia cobrar e ele queria dar porrada no cara. [riso] O sujeito cobrava a primeira vez, ele ainda tolerava; agora, quando você cobrava a segunda, ele falava: “Eu te dou porrada. Insistente. O cara trabalha e quer receber dinheiro aqui?! Não se paga porra nenhuma!” [riso] Mas esse cara era assustador. E eu, realmente... Saí, falei: “O diabo que vá receber dinheiro aqui!”. Fiquei de lado, **[inaudível]**.

Entrevistadora – Gullar, aproveitando que você está dando esse depoimento ao Centro de Memória...

F.G. – E eu que tenho tão pouca memória, não é?

Entrevistadora – Pois é... Era legal você falar como que você vê a imprensa hoje.

F.G. – Eu estou muito por fora. Eu passei tantos anos fora do Brasil, não sei direito o que está acontecendo.

Entrevistador – Do tempo que você passou fora do Brasil, a comparação da imprensa nos países onde você passou e o que você deixou no Brasil.

F.G. – Olha, do que está agora da imprensa, eu confesso que eu não posso falar porque eu estou lendo muito pouco jornal. Eu estou chegando aqui, faz muito pouco tempo. Agora, o que eu reparei aí fora... Eu acho que com todos os problemas que tem na imprensa aqui, sobretudo na imprensa do Rio, que eu conheço um pouco melhor, eu acho que tem um nível melhor do que a desses países por onde eu andei. Pelo menos do ponto de vista técnico, da qualidade jornalística, eu acho que a imprensa brasileira é melhor. Quer dizer, tomando como imprensa brasileira, fundamentalmente, Rio e São Paulo. Eu acho que é melhor. Mesmo, por exemplo, que a imprensa Argentina, é melhor. É mais bem feita, é mais objetiva, é mais dinâmica, é mais abrangente, é melhor. Pode ser que tenha sido pelos momentos, pelo período que eu vivi, vamos dizer, na Argentina. Pode ter sido. Mas eu creio que não. Porque, por exemplo, um jornal lá como *La Prensa* ou *La Nación* são jornais muito antiquados, são jornais que se fazem como se fazia jornal no Brasil há 20 anos atrás. O jornal mais moderno é *La Opinión*, mas mesmo assim... É um jornal que tem outro espírito, quer dizer, um espírito mais da notícia comentada, mais do comentário do que da notícia, mas é um jornal deficiente, eu acho. Pelo menos em um certo período, era inclusive redundante, porque eles antecipavam – e ainda, em algumas notícias, eles fazem –, antecipavam a notícia, o comentário do cara com um outro comentário que não acrescentava nada ao que vinha embaixo. Então, até houve uma vez um leitor que escreveu uma carta para lá gozando o jornal, colocando que até aquele momento não tinha entendido por que, com tão pouco espaço, em um jornal tão pequeno, por que havia tanta redundância. Agora, de qualquer maneira, é um jornal bem escrito. Por exemplo, este é um jornal bem escrito e um jornal tecnicamente muito melhor do que os outros jornais argentinos.

Agora, um dado importante é o seguinte, é que em todos esses lugares se lê muito mais jornal do que se lê no Brasil. Por exemplo, um jornal como *La Crónica*, que é um jornal que você pode comparar aí a *Luta Democrática*, *O Dia* e *A Notícia*, aquele tipo de jornal que mete o crime, mete a violência, mete... Mas é um jornal que quando ele foi fechado, quando o dono resolveu pregar a invasão das Malvinas – o dono do jornal, parece que ele é meio “porra-louca” e começou a arregimentar o povo pelo jornal dele, convocar o povo para formar um exército e invadir as Malvinas, e aí fecharam –, nessa época, esse jornal vendia 800 mil exemplares, com duas edições: uma edição no fim da tarde e uma edição de noite... uma edição no meado da tarde e uma edição de noite. Mas um jornal como *La Razón* vende cerca de 600 mil exemplares. É uma... Vende jornal, não é? Por exemplo, no Peru, eu me lembro, quando eu...

[FINAL DO DEPOIMENTO]